

Areias, 14,8,1909

Rangel:

Chegaram os contos e a carta. Meu processo é outro: quando topo palavra que desconheço, ou conheço mal, ou que também se usa em sentido diferente do familiar, anoto-a com toda a frase em que está metida, frase que lhe entremostra a significação e a propriedade. Assim, já de começo o espirito pode utilizar-se da aquisição_ é uma especie de apresentação da nova personagem á intelligencia, e passo primeiro para a familiarização entre ambos e consequente assimilação. Anotar apenas a palavra é perder tempo; só a mão lida com ela, e o faz maquinalmente, como copista automatica que obedece a uma ordem do cerebro; este não trabalhou para a fixação da novidade, limitou-se apenas a dar ordem á mão para que a grudasse no papel.

Já percorri este ano as primeiras 700 paginas do Aulete e breve chegarei ao fim, porque está me agradando o passeio. Mas depois do enriquecimento vocabular é preciso que aprendamos a bem gastar o acumulado, senão viramos *nouveaux riches* e insensivelmente nos metemos a ostentar riqueza vocabular. Machado de Assis é o mais perfeito modelo de conciliação estilística; seu classicismo transparece de leve e nunca ofende os nossos narizes modernos. Como vivemos neste seculo e neste continente, não podemos, sem uma habil e manhosa tática, usar expressões lusitanas e de tempos já muito remotos.

Esse Albalat que o Ricardo te mandou anda interessando muito á rapaziada de S. Paulo que pretende lugar nas letras. Tenho a impressão de que é obra vã e perigosa, talvez das que ensinam um certo estilo_ e neste caso teremos estilo postiço, como ha dentes postiços. Estilo é cara; cada qual tem a sua e o que fazemos para modificar nossa cara é em geral mexer nos pêlos, barba e grenha, e podemos sair um bigodudissimo Umberto I ou um cara-rapada á americana. O mais do nosso rosto não se sujeita a *travestis*. No estilo também ha algo de imutavel, de ingenito, de inalteravel, a despeito de tudo o que façamos para deforma-lo. Não as exterioridades, mas essa *alma-mater*, esse eixo central, é que verdadeiramente constitue o estilo.

De Camilo Castelo Branco tenho alguma coisa em Taubaté e aqui só o *Regicida*. Quanto áquele conto do F., desagradou-me em absoluto; parece pornografismo puro, digno de figurar no *Rio-Nu*. E teve a coragem de dar-se como protagonista! Chego a crer que é pilheria. Dar-se como capaz de “amar” uma bodinha da rua, o tipo de coisinha atôa... E o entrecho e tudo mais, e aquele cinico desdobrar aos olhos do leitor das “doenças vergonhosas”... O nosso F. a contar uma aventura de alcoice com uma negra, onde espera na ante-camara, todo mordido de ciumes, que o desconhecido que “ocupava” o seu “amor” saísse e lhe cedesse a praça. E tudo acompanhado de velhos

sordidos e sargentos poders de sífilis que tressuam mercurio... Palavra, tenho lido muita coisa, mas em nada vi tão pesada atmosfera de bordel do mais reles...

Em literatura a condição básica é haver beleza, e que beleza ali existe? Numa negra sordida, na vida imunda que leva, no “amor” que inspira, nas “doenças vergonhosas” que espalha, nos sargentos que enrabicha_ onde qualquer resquício de beleza salvadora? Em nome da Arte veto esse conto e lamento que F. seja suscetível do estado de animo necessário á produção de tal coisa.

LOBATO